

DEUS E PÁTRIA

BOLETIM APPROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX. REV.^{ma} O SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ

Director, Editor e Administrador — Sub-diacono *Nelso Alves Sampalo*

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Belinho — ESPOZENDE

PROPRIEDADE DA EMPRESA — DEUS E PÁTRIA

Composto e impresso na Typographia Viziense — Rua Silva Gayo, 42 a 40 — VIZEU

O EVANGELHO

Domingo X depois do Pentecostes

N'aquelle tempo: Disse Jesus a alguns que confiavam em si mesmos e desprezavam os outros, esta parábola: Dois homens se dirigiam ao templo a orar, um phariseu e outro publicano: o phariseu, de pé, dizia de si para consigo estas coisas: ó Deus, dou-te graças, porque não sou como os outros homens: ladrões, injustos, adulteros, nem como este publicano também: jejua duas vezes na semana; pago os dizimos de quanto possuo.

Mas o publicano, ficando-se de longe, não se atrevia sequer a levantar os olhos para o céu, e batia no peito dizendo: Deus tem misericórdia de mim, que sou peccador.

Digo-vos que este voltou para sua casa justificado, e n'isto bem differente do outro: porque todo aquelle que se exalta, será humilhado; e todo aquelle que se humilha será exaltado.

(S. Lucas, cap. XVIII, vers. 9-14).

REFLEXÕES

A parábola que o Evangelho d'hoje nos apresenta revela-nos, ou antes, lembra-nos a grande verdade: Deus resiste aos soberbos.

O phariseu é a figura clara e nitida de alguns que entram na casa do Senhor cheios de *soberba e vaidade*.

De *soberba*, pois que muitas vezes entram nas Igrejas sem terem ao menos o mais leve acto de adoração e respeito para com o Senhor de tão veneravel logar, mostrando assim uma grande offensa para com o Rei dos reis, e mais ainda, uma grande falta de educação por não respeitarem, sequer, as crenças dos que estão presentes.

De *vaidade* porque muitos ha que,

a pretexto de assistirem aos actos religiosos dentro da Igreja, vão alli para simplesmente mostrarem a *delicadeza* affectada e indecente do vestir e, o que é mais triste ainda, darem largas ás suas paixões perversas.

Para estes o castigo é certo; se não n'esta vida, na outra o experimentarão.

Outros ainda entram na Igreja cheios de fingimento e hypocrisia, só para agradarem ao povo e com isso dizerem que cumprem os preceitos da religião. D'elles diz Jesus Christo: «São sepulchros caiados do branco por fóra, mas por

moraes e o fundamento de todas ellas.

Lucifer foi soberbo quando disse: *Não servirei*; e immediatamente a sua cabeça rolou aos baixos abysmos do inferno. Maria foi humilde quando disse: *Eis aqui a escrava do Senhor*; e a sua cabeça foi coroada com a aureola da *Maternidade divina* que é coroa de Rainha e Imperatriz dos Ceus e da terra.

Jesus, com esta parábola, quer significar-nos que a soberba é o verme que roe todas as virtudes, ao passo que a humildade é o jugo vivificador que as enobrecé.

O espectáculo que o phariseu offerece aos olhos do nosso espirito é feio, é horrivel.

Que repugnante o quando ora! A sua oração não sobe ao throno de Deus pois que se assemelha a uma pedra que é lançada ao ar, para de prompto cahir e rolar sobre a terra.

Quanto nos repugna a *soberba*!

Lembre-mos de que quando nos deixamos levar por ella representamos o phariseu de que o Evangelho nos falla. Que horrivel figura somos quando temos soberba, quando desejamos ser preferidos a outros que o devem ser primeiro que nós, quando queremos postos e honras que nos não correspondem, quando proferimos

elogios de nós proprios etc., sem nos lembrarmos que nada é nosso e que Deus tudo nos deu não para apparecermos como um fantoche ou parvonearmos como um pavão, mas sim para sermos agradecidos e tornarmos-nos pequenos! diante do seu infinito poder.

Devemos desejar assemelharmo-nos ao publicano e pedir... os a Deus que ouça as nossas supplicas como ouviu as d'elle; que os olhos de Deus se voltem para nós com carinho e compaixão; que as nossas orações, como incenso vaporoso e perfumado, subam até ao altar, penetrem nas nuvens, cheguem aos Ceus e alegrem a Deus sentado no seu throno; que os anjos nos olhem com sympathia como ao publicano e que Jesus diga de nós como disse d'elle: «Estás justifica-



Jesus curando os enfermos

dentro são podridão e immundicie.»

Não sejamos assim, lembremo-nos que Jesus Christo, sendo Deus, o Senhor dos senhores, passou, por sobre a sua vida humana, como um verdadeiro modelo de humildade, caridade e mansidão.

Sigamo-lo, modificando o nosso coração, abatendo a nossa soberba e paixões.

Imitemos o publicano que, ao contrario do phariseu, nem sequer ousava levantar os olhos ao Céu; mas batia no peito dizendo: «Meu Deus séde propicio a mim, peccador».

São de alta importancia as lições que Jesus Christo nos dá: ensina-nos a praticar a *humildade* e a aborrecer a *soberba*.

A *soberba* é o primeiro dos peccados capitães, e a raiz de todos os outros: a *humildade* é a primeira das virtudes

do, quer dizer: perdoado de tuas culpas e peccados.

Façamos com que a humildade d'aqui para o futuro seja a nossa amavel companhia.

Que a humildade reine em nossas palavras; não nos elogiemos a nós próprios.

Sejamos humildes no nosso olhar, no nosso modo de proceder. Finalmente que reine em nossas casas em nossos corações e em nosso espirito porque só por meio d'ella é que podemos ser agradaveis a Deus para um dia sermos dignos da Bemaventurança.

UM EXEMPLO POR SEMANA

Conta-se d'um senhor muito exótico que prometteu certa quantia a quem tivesse a paciencia de receber nas costas da mão, gôta a gôta, um cantaro d'agua.

Houve alguém que, esperando ganhar o premio, se prestou á prova, segundo elle pensava, muito facil e ligeira. A gôta d'agua devia cabir da altura d'um metro.

Dispôz-se o aparelho e o que accetara a prova estendeu a mão, começando a agua a cabir sobre ella, gôta a gôta.

Depois de dez gôtas, sentiu certas picaduras na parte attingida pela agua, picaduras que bem depressa se converteram em dôr, e, depois, n'um tormento intoleravel quando apenas tinham cahido sobre a mão umas cincoenta gôtas.

Á final teve de declarar-se vencido.

Da mesma forma as culpas mais ligeiras exercem sobre a alma um influxo tão prejudicial que a levam até ao mais horrivel dos males, — ao peccado mortal.

Os que se tornam indulgentes para com as culpas veniaes e n'ellas reincidem, não raro acabam por ser precipitados no abysmo onde a alma, esquecida da graça, se perde mortalmente.

Receita para confundir incredulos

No palacio da princeza de Lorena havia frequentes reuniões compostas geralmente das pessoas mais distintas por sua illustração, virtudes e posição elevada.

Foi tambem lá um dia o celebre M. d'Alembert, amigo intimo de Voltaire, que professava as mesmas doutrinas, e desejava propaga-las entre as pessoas mais importantes.

N'uma d'estas reuniões M. d'Alembert vangloriou-se publicamente de suas opiniões irreligiosas, dizendo:

—Sou eu o unico que n'este palacio não creio nem adoro a Deus.

Justamente indignada a princeza de Lorena por tal descaramento, replicou-lhe com desassombro:

—Não: o senhor não é o unico que n'este palacio não cre nem adora a Deus.

—Quem são os outros então, senhora?

—São todos os cavallos e cães, que estão nas cavalhariças e pateos d'este palacio.

—Assim me ignora aos irracionais?

—Não; porque embora esses tenham igual desgraça de não conhecer nem adorar o Ser Supremo, não têm todavia, a imprudencia de vangloriar-se d'isso.

CONVERSANDO...

Uma bella tarde de verão, quando a brisa começava de amenizar os ardores do sol, encontraram-se os dois amigos, n'uma praça de L. e começaram a cavaquear.

—Grande calor esteve hoje, dizia o Leão Ferreira; ahí por volta das 2 horas mal se podia respirar.

—E' a fructa do tempo, contestou o Benigno dos Santos: o que valeu foi ser domingo, de sorte que tenho estado metido em casa, desde o almoço.

—Pois sim; mas eu é que não pude fazer o mesmo, replicou o Leão.

—Mas hoje não tinhas que fazer?

—Tinha e não tinha; é que esta tarde fui assistir a uma reunião de propaganda; a salla estava á cunha, e digo-te que suei as estopinhas.

—Ah! E propaganda de quê?

—Ora, propaganda socialista. E' preciso que a gente se mexa, homem.

—E esteve animada essa reunião?

—Esteve, esteve... talvez de mais.

—Então o que se passou... se não é segredo?

—Resolveu-se dar combate á sociedade actual, sem treguas, nem piedade. Houve discursos de inflamado enthusiasmo. Um orador provou que a propriedade é um roubo, e que todos nós temos direito a gozar da terra; outro disse que era preciso libertar o trabalho do jugo do capitalismo; outro que era preciso acabar com a vadiagem de certas classes que nada produzem; outro que se deviam fomentar grèves continuas para tornar a vida impossivel aos governos da burguezia...

—E tudo isso foi aprovado? exclamou o Benigno, cheio de espanto!

—Tudo... e mais alguma coisa. Apareceram por fim uns cabeças esturradas que se diziam partidarios da acção directa... Eu n'esse ponto achei de mais; mas enfim tambem é verdade que nós, os trabalhadores somos os escravos da burguezia.

—Ora dize, lá, amigo Leão, o que queriam os taes apóstolos da acção directa?

—Pois queriam que se recorresse á violencia para eliminar certos individuos que se oppõem com mais força aos nossos legitimos direitos.

—Eliminar!... Oh! Que linda palavra!—Mas isso, caro amigo Leão, significa nem mais, nem menos que... assassinar!

—Elles dizem que é fazer justiça!—Mas eu lá com isso não concordei. Nada, apesar de Leão tenho horror ao sangue; contudo, a culpa é dos burguezes.

—Ora valha-te Deus, homem. A culpa é de todos vós que não queréis ouvir fallar senão em luctas e represalias, quando estes conflictos de interesses não podem resolver-se senão pela paz e concórdia. De sorte que a questão esteve agitada!?

—Oh! se esteve. Por fim formaram-se dois grupos; os mais exaltados alcunharam os outros de traidores e covardes, e desandou tudo em grossa pancadaria! Foi uma pena. Eu dei ás de Villa Diogo para não me ver envolvido na desordem.

—Ora ahí tens os fructos da fraternidade que aprêgoam os teus apóstolos. E para isso foste tu tomar esse banho de calor, que podia ter resultado em banho de pancadaria! Pois olha, eu tambem fui assistir hoje a uma reunião, mas mais pacifica.

—Sim? E' que reunião foi?

—Uma reunião tambem muito concorrida, onde só fallou um orador, para expôr uma doutrina com a qual todos estavam de accordo, mas doutrina de verdadeiro amor, que se fosse posta em pratica, resolveria todos esses conflictos em que vocês andam mettidos, e em que nos mettem a nós.

—E que doutrina era essa, amigo Benigno?

—Essa doutrina ensina que a propriedade não é um roubo, mas que devem ser responsaveis os que d'ella fazem mau uso. Que entre o capital e o trabalho devem existir laços de fraternal amizade, auxiliando-se ambos para promoverem o bem-estar de todos. Que as condições sociais devem ser melhoradas a pouco e pouco, mas de maneira segura, pelo concurso leal de todas as classes. Que todo o trabalho é digno quando é honesto, que os mais fracas e necessitados devem receber todo o auxilio dos mais fortes. Que, sendo impossivel, nivelar todas as condições de vida, o que é preciso é harmonizalas, para que se não caia na anarchia. Que acima de todos os interesses está a lei do amor social, e que quem a infringir será punido severamente.

—Punido... interrompeu o Leão, tudo quanto tens estado a dizer é realmente muito bonito... mas não ha homem algum com auctoridade para punir o seu semelhante.

—Exactamente; porém, o que os homens não podem fazer, ha-de fazer-lo o Juiz que tudo sabe e tudo pode.—Deus. Por isso, amigo, enquanto os homens não temerem e amarem a Deus, nunca poderão viver na paz e sempre reinará entre elles o odio.

—E tudo isso, pelo visto aprendeste tu na Igreja, pois agora percebo, onde foi essa reunião a que assististe?

—Claro que sim: disse-o á missa o nosso parcho que é um santo homem!

—Pois, amigo, o assumpto interessame, o no proximo domingo, tambem hei de ir ouvir-lhe o discurso.

Resignação

Qual ferida ave pelo caçador,
Que persegue raivozo a sua presa,
E afflicta e só esvoaça com temor!
Assim minha alma triste, sem defesa,
Paira sobre ondas negras e revoltas,
Murcha a cabeça e com as azas soltas!

Meu Deus! quão justo e bom não é soffrer!
Ao menos assim vejo que Tu me amas,
Pois ninguém é feliz sem padecer.
Obra commigo, sim, como Tu queiras.
Mas poupa, pelo menos, os meus filhos,
Que não desviaram ainda dos Teus trilhos!

Pae! tende Vós piedade da innocencia!
Dos filhos que me dáste, tão amados,
Tão bons e meigos pela Tua clemencia,
Que ainda não se mancharam de peccados.
Se reprovar meus filhos é castigo,
Ai! tem dó d'elles, porque eu Te bendigo!

Frederico d'Avalla.

Restitui o alheio

Um ladrão roubou a S. Menardo um novilho, que levava ao pescoço uma campainha. Conduzindo-o a sua casa, ainda que o novilho não se movesse, a campainha tocava incessantemente. Observando isto, o ladrão temer ser descoberto, e encheu a campainha com palha, mas ainda assim continuava a emitir som. Que deverei, pois, fazer? Tirarei a campainha ao animal, e mette-la-hei no cesto; mas ainda assim não cessou de tocar. Em seguida enterrou a campainha e nada de novo; ainda enterrada tocava. Então o ladrão cheio de terror, entregou o novilho a S. Menardo, e immediatamente deixou a campainha de tocar.

Parámos a applicação a nós mesmos!

Aquelle que está na posse de bens alheios, tem no intimo do seu coração uma campainha que soa continuamente e diz: «Se não restitues o alheio, perdes-te eternamente».

Como se pode ter verdadeira paz se se está angustiado com taes remorsos de consciencia?

A lenda dos Pães de Rala

Nicolau Nerli banqueiro da nobre cidade de Florença passava os seus dias, desde pela manhã até á noite, sentado á sua secretaria, estudando os algarismos do seu livro de contas.

Emprestava dinheiro a todos os que lhe offereciam quantias desde o imperador até á mais humilde das viúvas. O negocio tinha-lhe dado muito dinheiro; estava riquíssimo, porque sempre exigia juros exorbitantes, sem se importar com a miseria que isso poderia causar. Tinha n'um palacio, mas a luz só lá entrava atravez das janellas muito estreitas. Isto por prudencia, porque as moradas dos ricos devem ser como cidadellas para guardar pela força o que ganháram pela habilidade. Eis porque o palacio de Nicolau Nerli estava rodeado de grades de ferro e pesadas correntes para afastar os ladrões. Lá por dentro as paredes estavam magnificamente decoradas por habéis artistas.

Nicolau dava brilho á sua grande riqueza, contribuindo para phraspias. Edificou fóra da cidade um hospital em cujos frisos estavam retratados os actos mais gloriosos da sua vida. Deu dinheiro para se acabar a grandiosa igreja do mosteiro e como reconhecimento d'este beneficio puzeram o seu retrato no côro; pintaram-no de joelhos com as mãos postas aos pés da «Madona». Elle era também um dos melhores cidadãos da república; como nunca tinha levantado a sua voz contra os governantes mesmo quando opprimiam os pobres, as suas riquezas excitavam a inveja dos que estavam no poder.

Um dia d'inverno voltando Nicolau para casa encontrou á porta muitos mendigos que lhe pediam esmola.

Impeliu-os para o lado dirigindo-lhes palavras asperas.

Mas a fome tinha-os tornado atrevidos e por isso começaram a ameaçá-lo e a pedir-lhe pão. Quando Nicolau se abaixou desesperado para apanhar pedras e para lhes atirar viu um dos seus creados appropiar-se com um cabaz cheio de pães de rala para os moços da cavalariça.

Chamou-os e agarrando no pão ás mãos cheias atirou-o á multidão clamorosa.

Naquelle mesma noite Nicolau sonhou que tinha morrido. Viu-se a si proprio deante do Archanjo S. Miguel, que tinha uma balança na mão em cujos pratos collocara varios objectos. No prato que pezava mais viu joias de viúvas que lhe tinham sido empenhadas e montes de moedas luzidias que elle injustamente exigira. Então percebeu que era a sua vida que o Archanjo estava pezando. «O' Santo» exclamou elle, se põe d'um lado toda a riqueza que tenho juntado, ponha do outro todas as obras que denotam a minha piedade.

Não se esqueça do zimbório da igreja do mosteiro nem do hospital que edifiquei por minha conta.

«Não temas Nicolau, replicou o archanjo, nada esquecerá.»

Em seguida S. Miguel com mãos que despediam raios de luz poz no outro prato o esplendido zimbório, o hospital com o friso esculpido e pintado. Mas ainda assim não desceu. O banqueiro estava muito agitado.

«Ainda ha mais coisas, insistiu elle, a pia de baptismo de S. João e o pulpito de S. André». Passaram mais estes objectos mas sem effeito. Nicolau estava aterrado.

«Será possível, disse elle, que este zimbório, este pulpito, esta pia baptisma, este hospital com todas as suas cammas não pezem mais que uma palha ou uma penna d'ave?»

«Vê com os teus olhos, supplicou o Archanjo, até aqui o peso das tuas maldades é muito superior ao das tuas boas obras.»

«Então tenho que ir para o castigo eterno» disse Nicolau gemendo e batendo o queixo de medo.

«Tem paciência, disse S. Miguel, ainda não acabámos, ha mais isto!»

E ao dizer estas palavras apanhou os pães de rala que o banqueiro tinha atirado aos pobres d'aquella tarde. Collocou-os no prato das boas obras e oh milagre! começou este a decer de vagarinho, ficando ambos os pratos na mesma altura.

«Bem vês Nicolau, disse o Archanjo, que não és digno do céu mas que também não estás condemnado ao inferno. Volta para Florença e multiplica abi os pães que deste esta noite sem ninguem ver. Só assim sbrás salvo!»

Nicolau acordou e ficou tão impressionado com esta visão que se resolveu a obedecer ao Archanjo. D'aquelle dia em diante foi sempre amigo e protector dos pobres e desvalides.

(D'A Esperança).

Se dessemos á alma a nonagesima parte dos cuidados que temos com o corpo, não haveria tanta miseria social.

Padre Sequeira

Notas ligeiras

Um tal senhor Bela-Kun, chefe bolchevista, tentando safar-se para o estrangeiro, foi prezo na fronteira austriaca pela guarda vermelha, sendo-lhe encontrado 5 milhões de cordas que levava nas malas.

Que grande amigo do povo! E ainda ha palermas que se fiam nas cantatas dos socialistas e bolchevistas, que é tudo a mesma coisa.

O heroico Cardeal Mercier deve embarcar no proximo mez de setembro com destino aos Estados Unidos.

O sr. dr. Antonio José d'Almeida foi eleito presidente da república portu-gueza por 123 votos.

Deus o illumine para que seja melhor chefe de estado do que chefe de partido.

Um incredulo em pancas

Ouvi como o illustre astrónomo Athanasio Kircher quiz convencer um seu amigo incredulo que acreditava que o universo fóra feito pelo acaso. Collocou n'um angulo da habitação, onde costumava receber o amigo, um globo magnifico onde estavam descriptos com precisão admiravel todos os movimentos dos corpos celestes. Chegou o amigo, e observando aquella estupenda obra: Magnifico, exclamou; é invenção vossa? Não, respondeu o astrónomo. Pois quem é o auctor? Ninguem, respondeu o astrónomo. Vamos diga-me, accrescentou o incredulo, quem fez isto, pois merece mil parabens. Eu vo-lo repito, este globo não tem absolutamente nenhum auctor; ninguem fez; appareceu abi, por acaso. Desculpe-me o amigo, respondeu um pouco enfadado o incredulo; eu não sou um menino ou um nescio para poder crer n'essas coisas. E o astrónomo: E' verdade, não sois menino nem um nescio; mas tendes-me a mim por menino ou nescio quando quereis persuadir-me um desatino maior, isto é, quando dizeis e sustentaes que o mundo é obra do acaso. Não podeis comprehender como um pequeno globo, que afinal nem sequer se move, tenha podido formar-se por si mesmo, e insistis em que eu creia que o universo, com todas as suas maravilhas, é obra do acaso? Dizeis que para construir este globo se requer uma grande intelligencia que de-sejaes conhecer; e crêdes que para formar o universo e conservar a harmonia infallivel do céu e da terra não é necessária a existencia de Deus?

Esta linguagem tão singella persuadida o incredulo que assim ficou entendendo o grau de loucura a que é preciso chegar para não conhecer a existencia de Deus nas obras da criação.

Com razão dizia, pois, Cuvier, em plena Academia: «Um homem que tem olhos para ver as maravilhas do universo, não pôde negar que existe Deus, sem ser um nescio ou um impio.»

A' LAREIRA...

Se ha muitos incredulos de um cynismo revoltante, fructo da má educação que receberam, ha outros, e muitos são elles tambem, que, bém intencionados, reconheceriam o seu erro, se lhes esclarecemos o espirito nas verdades da fé.

Conta-se, que a rainha de Singa, poderosa prínceza que governava um extenso reino da Africa, se conservára muito tempo dedicada ao culto de suas falsas divindades e ás praticas da mais odiosa superstição. Um dia, o missionario padre Antonio de Gaeta, para mover o coração d'esta prínceza, depois de mil instancias inuteis, serviu-se do meio seguinte, dizendo-lhe: «Ao contemplar estes valles tão férteis e formosos, regados por tão crescido numero de arroyos, permitta-me senhora que lhe pergunte, quem é o auctor de tantas maravilhas? Quem fez tão fecunda esta terra e lhe dá os saborosos fructos que tem?»

—E' obra de meus antepassados, responde a rainha.

—Mas, replicou o missionario, não gosa vossa magestade do mesmo poder que os seus antepassados?

—Sem duvida, disse ella; e o meu poder é ainda superior ao d'elles, pois sou senhora absoluta de reino de Matamba.

O padre, tomando então uma palha, que casualmente havia no chão, disse á rainha: «Nesse caso, mande vossa magestade a esta palha, que se sustente no ar». Voltou a rainha a cabeça, a modos de enfasiada, porém, o padre insistiu e collocou-lhe a palha na mão.

Consentiu a rainha em fazer a experiencia e tendo cabido a palha, como se suppõe, o missionario disse: «Aprenda vossa magestade, que os seus antepassados não foram mais capazes de crear estes formosos valles e estes arroyos, do que é vossa magestade de mandar que esta palha se sustenha no ar».

A prínceza conhecendo a exactidão d'estas palavras, fez sérias reflexões, que lhe esclareceram o espirito. Renunciou aos idolos; fez-se instruir nas verdades do Christianismo, e recebeu o baptismo.

Assim andam muitos homens, irritando a Deus com o seu atheismo, porque não querem persuadir-se com Voltaire, que assim como um relógio prova que houve um relojoeiro que o fez, assim tambem o universo prova necessariamente a existencia de Deus.

Sulpicio Severo.

Um hespánhol ouvindo contar, que o calor das tropicas era tão intenso, que os ovos expostos aos raios solares ficavam fritos como ao lume, exclamou:

—Isso não é nada. Uma noite de julho em Sevilha convidéi uns amigos para ceiar; mas como era tarde e não tinha lume em casa, cosí uns ovos á luz da lua.

Propagae

o nosso

jornalzinho

Quantos enganadores!

E' coisa tão ordinaria o enganar e prejudicar o proximo que a cada passo se ouvem expressões como esta:

—Não nos podemos fiar em ninguém.

Ora está bem vingada a Religião!

Quando os padres prégavam que a Religião era uma necessidade social, respondiam-lhes os impios que bastava a honra, pois o homem honrado, mesmo que não tema a Deus, será sempre bom pae, bom esposo e bom cidadão.

E afinal os taes honrados são de tal estofa que já não nos podemos fiar uns dos outros.

Um menino de sete annos foi um dia levado perante o tribunal do prefeito Asclepiades, perseguidor dos christãos. «Quem és?» perguntou o juiz. —«Sou christão», respondeu o menino. E pôz-se a rezar o Credo. Esta ingenna profissão de fé encheu de furor o tyranno, que condemnou o menino a ser flagellado ferrozmente em presença da sua propria mãe. Os assistentes, em presença d'aquelle horrendo espectáculo, choravam de compaixão; e aquelle abençoado menino, enquanto tão barbaramente eram rasgadas as suas carnes, sorria, repetindo a sua profissão de fé, o Credo. Por fim, cortaram-lhe a cabeça; porém as ultimas palavras que pronunciaram os labios d'aquelle martyr foram as ultimas do Symbolo apostolico.

O doce sonho de Luiza

Luiza tinha seis annos e ouvia repetir pela sua mestra que «Jesus crescerá em sabedoria e sciencia». A pobre pequenita interrogava o seu animo infantil sobre a maneira como, a exemplo de Jesus, podia crescer em sabedoria e sciencia, pois ella sentia a sua fraqueza e via os seus defeitos.

Uma noite, tendo-se deixado adormecer com este santo pensamento, teve o seguinte sonho:

—Maria, Mãe do Menino Jesus, conduziu-a a uma igreja e mostrou-lhe o tabernaculo aberto, onde Jesus apparecia assentado sobre um cibório dourado.

—«Apressa-te Luizinha, disse a Rainha do Céu, Jesus ama-te. Quer descer ao teu coração, para que, com Elle, cresças em sabedoria e sciencia.»

Luiza despertou de tão bello sonho, gritando: «O meu Jesus! Entra depressa no meu coração!»

Infelizmente era um sonho!... Assim o reconheceu Luizinha, que contou á sua mestra o que se passara n'aquelle noite.

Bem viu esta que Luizinha merecia muito brevemente a honra de fazer a sua primeira communhão. No entretanto, enquanto a Luizinha se preparava, ensinou-lhe a bellissima invocação seguinte, que a pequenita repetia muitas vezes ao dia, do intimo do coração:

Meu queridinho anjo da Guarda, vae onde esteja o meu Jesus e diz-lhe que o adoro, que o amo,

que azeio pela sua vinda ao meu coração e porque Elle aqui faça a sua morada.»

Escusado será dizer que a Luizinha não esperou muito para ver realizado o seu maior desejo.

A CHAVE PREFERIDA

Luciana, outra pequerruça de seis annos, diverte-se com um molho de chaves do papá, estendendo-as cuidadosamente sobre a meza.

Em tão innocente entretenimento a veio surprehender a sua boa mamã, a qual lhe fez a seguinte pergunta:

—Qual d'estas chaves preferes tu, minha filha?

A pequenina Luciana olhou amorosamente para sua mãe, e com um beicinho um tanto desdenhoso, respondeu:

—«A chave que eu prefiro não está aqui, querida mamãzinha». E, indicando a torre da igreja: «Está acolá...»

A piedosa mãe, que todos os dias emprega uma parte do seu tempo a ensinar o Catecismo á sua Lucianinha, comprehendeu immediatamente a doce preferencia d'esta. Não obstante inquiriu:

—E que chave é essa, Luciana?

—A chave da portasinha dourada, que permite a Nosso Senhor sahir, para escutar-nos, abençoar-nos e para entrar no meu coração. Ah! Quanto amo aquella chavinha!

A senhora C... abraçou o seu querido anjinho, dizendo-lhe:

—Sim, muito brevemente o teu coração será o tabernaculo de Jesus, mas agora, enquanto esperas a sua vinda, guarda buidodosamente a chave... do amor a Jesus.

ADIVINHA POPULAR

Que estalagem será uma Pequena, mas acuada,

Que apenas se lhe abre a porta

Tem dois hospedes á entrada?

Elles nunca levam nada,

Mas nunca vão que não tragam,

Introduzem-se podendo

E de nenhuma vez pagam.

Entram só dois a dois;

Uns primeiro outros depois.

Decifração da anterior:—Thuribus

Calendario religioso da semana

Domingo, 17—S. Mamede, M.

Segunda feira, 18—Santa Clara de Montefalco, V.

(Quarto minguanté ás 3 h. e 56 m. da tarde)

Terça-feira, 19—S. Luiz, B.

Quarta-feira, 20—S. Bernabé, Abb. e Dr. da Igreja.

Quinta-feira, 21—Santa Joana Francisca de Chantal, viuva.

Sexta-feira, 22—S. Timoteo, M.

(Os pobres e quem tem os indultos dispensados da abstinencia).

Sabbado, 23—S. Filippo Beniti, conf.